

***Determinantes do Fluxo Internacional de Turistas
para o Brasil: evidências empíricas para o período
1989-2018***

***Determinants of International Tourist to Brazil: empirical
evidence (1989-2018)***

Renatha Rosa Silva Sarmento

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU,
Uberlândia /MG, Brasil.

E-mail: renathaeco@yahoo.com.br

Hugo Carcanholo Iasco Pereira

Professor adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná –
UFPR, Curitiba /PR, Brasil.

E-mail: hugo.carcanholo@gmail.com

Artigo recebido em: 10-10-2023

Artigo aprovado em: 04-06-2024

RESUMO

O fluxo internacional turístico pode ser uma importante fonte de crescimento e desenvolvimento para economias nacionais e locais. Diversos estudos buscaram entender os diferentes determinantes da demanda turística de um país a nível microeconômico e macroeconômica. Inserido nesta literatura, este artigo investiga os principais determinantes macroeconômicos da demanda turística internacional para o Brasil entre 1989 e 2018. Para tanto, foram utilizados dados sobre a chegada de turistas estrangeiros dos quarenta principais países emissores ao Brasil por todas as vias – aérea, terrestre e marítima. Os dados foram organizados em formato de painel, e os parâmetros foram estimados utilizando a metodologia *Generalized Method of Moments* (GMM) usando as metodologias de estimação *GMM-diff* (sistema de equações que emprega apenas as diferenças das variáveis como instrumentos) e *GMM-system* (sistema de equações que emprega as diferenças e os níveis das variáveis como instrumentos). Os resultados, robustos a diferentes especificações, indicaram que as condições macroeconômicas brasileiras importam na determinação do fluxo de turistas internacionais para o Brasil. Isto é, uma taxa de câmbio real competitiva e baixas taxas de inflação, ao aumentar a competitividade via preços do setor turístico brasileiro, implicam em aumento do fluxo de turistas internacionais em direção ao Brasil.

Palavras-chave: Demanda internacional por turismo. Estratégias de desenvolvimento turístico. Brasil.

ABSTRACT

The international tourist flow may be an important driver of growth and development of national and local economies. Several studies have sought to understand the determinants of tourist demand of a country at microeconomic and macroeconomic perspectives. This article investigates the main macroeconomic determinants of international tourist demand for Brazil between 1989 and 2018. For this purpose, we employed data on the arrival of foreign tourists from the forty main issuing countries to Brazil by all routes (air, land, and maritime). Our database was set as a panel. The parameters were estimated using the Generalized Method of Moments (GMM) methodology, both in a system of equations that uses only the differences of the variables as instruments (GMM-diff), and in difference and in level (GMM-system). The results, robust to different specifications, indicated that Brazilian macroeconomic conditions matter in determining its flow of international tourism. The findings suggested that a competitive real exchange rate and low inflation rates, by increasing competitiveness via prices in the Brazilian tourist sector, increase the flow of international tourists towards Brazil.

Keywords: International demand for tourism. Development strategy of tourism. Brazil.

1. INTRODUÇÃO

O turismo pode ser uma importante fonte de crescimento e desenvolvimento econômico. Isso é especialmente válido para países em desenvolvimento, como o Brasil, já que representa uma fonte relevante de geração de emprego à medida que é intensiva em trabalho, além de promover a inclusão social pelo emprego e reduzir desigualdades sociais (Rabahy, 2020, Brasil, 2022).

Conforme aponta o Ministério do Turismo, no documento Guia de Retomada Econômica do Turismo, em 2019, antes do fechamento das fronteiras nacionais devido à pandemia de COVID-19, atividades características do turismo contribuíram com 7,7% do PIB, com receitas cambiais da ordem de US\$ 5,99 bilhões, e com um em cada treze empregos da economia brasileira. Com a pandemia e as consequentes restrições internacionais de movimentação de pessoas, as receitas obtidas nessa atividade sofreram uma drástica redução, fechando vários postos de trabalho. Os impactos negativos foram perto de R\$ 243 bilhões até janeiro de 2021 (Ministério do Turismo, 2021).

No contexto internacional, o turismo também representa um grande alavancador do desenvolvimento econômico. De acordo com a Organização Mundial do Turismo, em 2019, as chegadas de turistas no mundo experimentaram um aumento de 3,9%, com elevação da receita cambial em 2,2%, se comparado ao ano de 2018. No entanto, o Brasil ainda apresenta uma participação incipiente nesse comércio recebendo apenas 0,47% do total de turistas internacionais mundiais (Rabahy, 2020), ou seja, o Brasil não integra de forma substancial a rota do turismo mundial.

Considerando isso, o objetivo do presente artigo é identificar os principais determinantes macroeconômicos do fluxo internacional de turistas para o Brasil entre 1989 e 2018, com foco em fatores associados à competitividade do turismo doméstico via preços. Para tanto, foram estimadas regressões econométricas utilizando dados sobre o número de turistas internacionais oriundos de 36 países. As regressões foram estimadas pela metodologia *Generalized Method of Moments* (GMM) em um sistema de equações em diferenças (GMM-*diff*) e em nível (GMM-*system*). O trabalho contribui originalmente para a literatura à medida que documenta alguns dos *drivers* do crescimento do turismo internacional para o Brasil entre 1989 e 2018.

Os resultados obtidos pelo estudo sugerem que a competitividade via preços é um importante vetor atrator de turistas internacionais para o Brasil. Uma política macroeconômica alinhada com o aumento da competitividade via preço do turismo brasileiro (seja via menores taxas de inflação, seja via uma taxa de câmbio mais competitiva) fomenta o fluxo turístico internacional para o Brasil. Mais do que isso, a importância e justificativa do trabalho residem em entender como a condução de políticas macroeconômicas podem promover o desenvolvimento turístico brasileiro, setor este profundamente afetado pela pandemia de COVID-19.

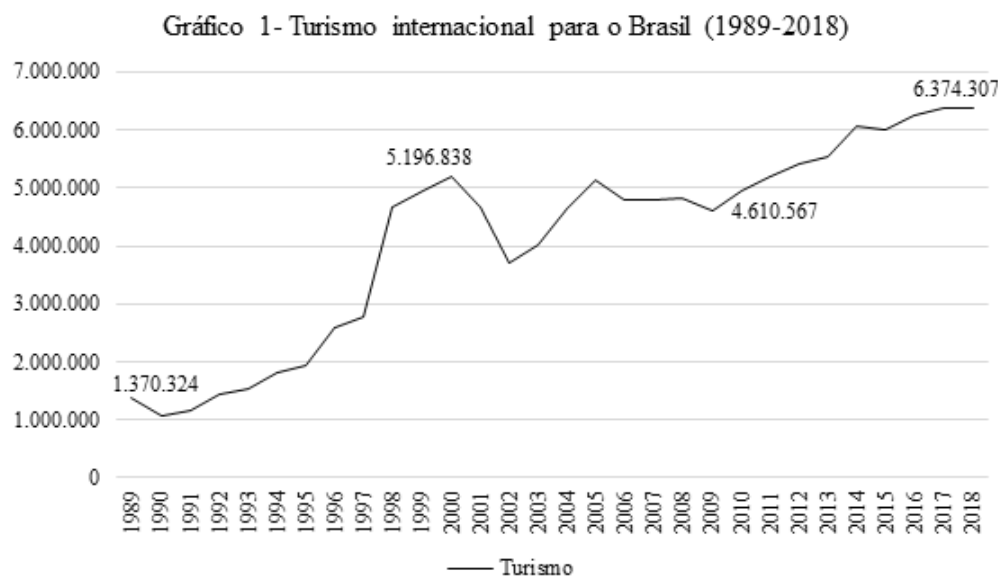
O artigo possui outras seis seções, além desta introdução. A segunda seção lança luz sobre a evolução histórica do turismo internacional no Brasil entre 1989 e 2018. A terceira seção discute a literatura teórica sobre os determinantes do fluxo internacional de turistas, ao passo que a quarta seção apresenta uma revisão empírica da literatura nacional e internacional sobre os determinantes do fluxo internacional de turistas. A quinta seção apresenta a base de dados e discute a estratégia empírica empregada. A sexta seção discute os resultados econométricos. As considerações finais encerram o estudo.

2. A EVOLUÇÃO DO TURISMO INTERNACIONAL NO BRASIL ENTRE 1989 E 2018

O turismo internacional - definido como um fenômeno social, cultural e econômico que leva pessoas (visitantes) a se deslocar por através de fronteiras de países (UN *Tourism*, 2024), cresceu substancialmente no Brasil entre 1989 e 2018. O Gráfico 1 apresenta a evolução histórica do número de turistas internacionais recebidos pelo Brasil entre 1989 e 2018 para os 40 países que compõem a amostra deste estudo. Verifica-se um crescimento anual, em média, de 5,44% da referida variável. O número de turistas recebidos de outros países mais que quadruplicou no período, passando de 1.370.324 turistas, em 1989, para 6.374.307, em 2018.

Gráfico 1

Turismo internacional para o Brasil (1989-20218)



Fonte: Gráfico feito pelos autores, 2024, com base nos dados do Anuário do Turismo providos pelo Ministério do Turismo.

O Gráfico 1 indica dois grandes momentos de expansão do turismo internacional em direção ao Brasil: i- entre 1990 e 2000, quando o número de turistas passa de 1.370.324 para 5.196.838, e ii- entre 2002 e 2018, quando o número de turistas passa de 3.712.975 para 6.374.307. É notório, portanto, que o crescimento mais expressivo do turismo internacional ocorreu ao longo da década de 1990, momento em que a economia brasileira passou por profundas transformações, como a estabilização e o controle inflacionário promovido pelo Plano Real, abertura comercial e financeira, e por uma série de privatizações e recebimento de investimento estrangeiro direto. Concorrentemente aos eventos internos, houve questões externas que ajudam a explicar os movimentos de baixa no receptivo nacional: crises financeiras dos países emergentes no início dos anos 2000 e a crise global de 2008.

A Tabela 1, por sua vez, apresenta a parcela relativa no turismo brasileiro dos dez principais países emissores de turistas entre 1989 e 2018. Utilizou-se uma média de 5 anos para facilitar a visualização dos dados e remediar possíveis vieses gerados por flutuações temporárias nos dados.

Tabela 1

Os dez principais países emissores de turistas para o Brasil (% do total)

	1989-1993	1994-1998	1999-2003	2004-2008	2009-2013	2014-2018
Argentina	38,2	34,2	27,3	19,8	29,5	36,2
Uruguai	10,1	8,2	6,9	5,5	4,7	4,7
Estados Unidos	8,9	12,1	13,8	14,7	11,8	9,1
Paraguai	5,6	6,5	7,0	4,5	4,2	5,2
Alemanha	4,7	5,3	6,4	5,8	4,6	3,6
Itália	4,6	4,0	4,5	5,8	4,6	3,1
Espanha	3,1	2,4	2,5	4,0	3,5	2,4
França	2,9	2,7	4,0	5,1	4,1	4,2
Bolívia	2,1	2,0	2,2	1,4	1,9	1,9

Fonte: autores, 2024, com base nos dados do Anuário do Turismo providos pelo Ministério do Turismo.

Notas: a parcela relativa dos países no turismo nacional foi calculada considerando os 40 países da amostra do estudo (Tabela A1 do apêndice). Foram apresentados apenas os dez primeiros por questão de espaço.

Em todos os quinquênios apresentados, a Argentina desponta como o principal emissor de turistas para o Brasil, mantendo sempre a liderança. Apesar de apresentar perdas expressivas de participação no mercado nacional no período de 2004 a 2008, o último quinquênio aponta para a recuperação da Argentina a seus índices históricos. Além da Argentina, a América do Sul (Uruguai, Paraguai e Bolívia) ocupa papel de destaque no emissivo, representando quase que a metade dos turistas estrangeiros. Esse fato, somado à participação dos turistas provenientes dos Estados Unidos, indica a concentração do mercado brasileiro, com predomínio do continente americano. A Europa (Alemanha, Itália, Espanha e França) figura como o segundo principal continente emissor, contudo, com uma participação relativa inferior às Américas. Essa baixa diversificação segue ao longo de toda a série histórica com mudanças pontuais entre os países sem, no entanto, a inclusão de novos mercados, o que pode resultar em maior vulnerabilidade para o setor. Ainda com relação à participação da Europa, nota-se uma mudança entre os países com a Alemanha perdendo a liderança para a França no último quinquênio. Em suma, embora a trajetória tenha sido de expressivo crescimento no fluxo turístico internacional a emissão de turistas internacionais em direção ao Brasil é pouco diversificada e concentrada em poucos países.

3. REVISÃO TEÓRICA SOBRE OS DETERMINANTES DO TURISMO

Na literatura teórica, vários fatores, econômicos ou não, ligados à oferta ou a demanda ajudam a explicar a tomada de decisão de um turista, residente ou estrangeiro, na escolha de um destino, entre eles: aspectos culturais, a existência de belezas naturais/atrações turísticas, *marketing*, renda, custos de transportes, taxa de câmbio etc. (Song e Li 2008), bem como elementos culturais e religiosos (Gonzalez et al., 2019, Belucio et al. 2021).

Nesse sentido, devido à dificuldade de obtenção de dados ou mesmo sua estrutura rígida no tempo, alguns elementos essencialmente relacionados à oferta (como disponibilidade de atrativos, infraestrutura, segurança, bem como outros fatores não econômicos como clima, *marketing*, entre outros) tem levado ao predomínio na escolha de variáveis econômicas para aplicação nos estudos empíricos (Rabahy, 1990; Song et al, 2010). Neste contexto, a literatura internacional tem mensurado a demanda turística por intermédio de três variáveis (Song et al. 2010): i- quantidade de chegadas de turistas, ii- despesas realizadas, iii- número de pernoites. No entanto, chegadas de turistas e despesas realizadas são as variáveis dependentes mais comumente usadas, independentemente da modelagem empregada. Essa preponderância é atribuída à disponibilidade estatística e confiabilidade dos dados (Song et. al, 2010 e Câmara, 2022).

Dentro do aparato teórico microeconômico tradicional, o turista é um consumidor que busca maximizar a sua utilidade sujeita à sua restrição orçamentária (Morley, 1992 e Cho, 2009). Como um bem normal, a demanda por turismo está inversamente associada com seus preços e diretamente relacionada à renda; quanto mais barato uma viagem turística, ou quanto maior a renda do indivíduo, maior é a demanda por turismo (Song et al, 2010). O turismo internacional é considerado um bem normal e/ou de luxo, dado que a sua elasticidade renda geralmente é superior a uma unidade, mas inferior a dois (Johnson & Ashworth, 1990, Morley, 1992, Crouch, 1994, Cho, 2009, Câmara et al., 2022). Desse modo, espera-se que, maiores níveis e renda no país emissor, ao provocar um “efeito riqueza” na sociedade, aumente o fluxo de turistas no país receptor.

Complementarmente, duas variáveis são usualmente empregadas para explicar a demanda por turismo: i- a taxa de inflação do país receptor, ou ii- a taxa de câmbio real. Essas variáveis estão associadas com a ideia de que destinos mais baratos são atrativos. Como não há um índice de preços específico que expresse somente os custos relacionados às atividades turísticas, é usual na literatura utilizar como *proxy* do indicador de custos do turismo o índice de preços ao consumidor (Rabahy, 1990).

A taxa de câmbio real, por sua vez, é sugerida como uma variável capaz de impulsionar a demanda internacional e nacional pelo turismo doméstico. Isso se dá por conta de dois efeitos. Primeiro, a desvalorização (valorização) da taxa de câmbio real implica uma queda (aumento) relativa dos custos associados a viagens internacionais ao país em moeda estrangeira, o que impulsiona (retraí) a demanda internacional. Segundo, há ainda um efeito complementar sobre a demanda doméstica por turismo, isto é, existe um efeito substituição segundo o qual turistas nacionais, diante de uma taxa de câmbio real desvalorizada (valorizada), substituem viagens internacionais (domésticas) por destinos domésticos (internacionais) (Witt e Witt, 1995). Em suma, aumentos nos preços e nos custos de transporte/viagem do país receptor, bem como variações da taxa de câmbio real, influenciam a demanda turística (Câmara et al., 2022).

4. REVISÃO DA LITERATURA EMPÍRICA

À luz do objetivo do presente estudo, esta seção discute artigos que buscaram explicar o fluxo turístico internacional empiricamente – isto é, usando métodos estatísticos, para outros países (literatura internacional) e para o Brasil (literatura nacional) no que se segue.

4.1 Literatura internacional

A década de 1960 marca o início dos primeiros estudos empíricos internacionais centrados na busca dos determinantes do fluxo turístico. Desde então, a literatura empírica avançou consideravelmente, com especial interesse na modelagem estatística e nos estudos de previsão do fluxo futuro de turistas, empregando as mais diversas técnicas metodológicas como séries temporais, modelos econométricos, inteligência artificial e métodos de julgamento (Song et al, 2019, Câmara et al., 2022). Modelos econométricos de séries temporais e de inferência causal são os mais utilizados (Song *et al*, 2019).

Muñoz e Martín (2007) buscaram entender os principais determinantes do fluxo turístico internacional para as Ilhas Baleares, na Espanha. Utilizando painéis econométricos, os autores analisaram a chegada de turistas por via aérea dos 14 principais países emissores entre 1991 e 2003. Os autores verificaram que existe uma persistência dos hábitos dos turistas, bem como uma influência positiva do nível de renda do país na demanda por turismo dessas localidades. Complementarmente, as variáveis custo de vida relativa e custos de viagem (índice de preços ao consumidor relativo ajustado pela taxa de câmbio) se mostraram negativamente associadas ao número de turistas recebidos. Resultados semelhantes foram encontrados por Song *et al*.

(2010), Díaz et al. (2015) e Lim e Zhu et al. (2017), para os casos de Hong Kong, Cingapura e Espanha, respectivamente.

Díaz et al. (2015) investigaram os determinantes da chegada de turistas russos na Espanha entre janeiro de 1999 e agosto de 2014. Os autores identificaram que os turistas russos têm aumentado sua participação no turismo mundial, sendo um dos principais emissores para o mercado espanhol com intenso crescimento dentre os BRICS (Brasil, Rússia, Índia e China). As variáveis independentes empregadas foram: nível de renda russo (medido pelo Índice de Produção Industrial), custo de vida relativo na Espanha, custo de vida em países concorrentes, e variáveis *dummies* para capturar fenômenos como ataques terroristas, instabilidade política em outras nações (Primavera Árabe) e facilidade na emissão de vistos. Os resultados dos autores mostraram que o nível de renda, o custo de vida relativo nos países concorrentes, facilidades na emissão de vistos, tensões políticas em países concorrentes, tem efeitos positivos sobre a demanda turística. Por outro lado, elementos como maior custo de vida relativo na Espanha e ataques terroristas dentro das fronteiras espanholas se mostraram negativamente correlacionadas.

Brida e Risso (2009) empregaram um painel econométrico para examinar a demanda alemã por turismo na região de Tirol do Sul (província italiana localizada na fronteira com a Áustria). Para tanto, os autores coletaram dados anuais entre 1987 e 2007 sobre o número de pernoites de estrangeiros em hotéis e apartamentos da referida região. Variáveis tradicionais como renda (PIB per capita), preços relativos (índice de preços ao consumidor entre Itália e Alemanha) e custos de transporte (preço do petróleo bruto), bem como a demanda defasada, foram utilizadas como variáveis explicativas. Os autores concluíram que incrementos no nível de renda da Alemanha estimula a demanda turística, ao passo que aumentos nos preços de Tirol do Sul desestimulam a demanda turística.

Petmezas e Santamaria (2012) buscaram compreender como choques em determinadas variáveis macroeconômicas nos países emissores afetam a chegada de turistas na Grécia. Para tanto, os autores utilizaram dados de 1977 a 2009, como: a taxa de desemprego, índice de confiança e preços relativos dos Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha, Itália e Holanda. Usando o modelo de Vetores Autoregressivos (VAR), os autores identificam que a demanda grega é mais sensível às variações/choques no desemprego e custo de vida dos turistas no país de origem e menos sensíveis às mudanças na confiança do consumidor. O estudo revelou ainda, que os efeitos negativos de choques na taxa de desemprego e custo de vida na chegada de turistas, é temporário e limitado ao curto prazo.

Shafiullah et al. (2018) investigaram a existência de uma possível diferença a respeito dos determinantes da demanda turística internacional entre os estados e territórios australianos para o período entre 1995 e 2015. Para isso, um modelo de demanda turística foi estimado utilizando modelos econométricos de painel. A variável dependente foi o número de turistas estrangeiros recebidos pelos estados australianos. Várias variáveis foram controladas, como a renda mundial, custos de transporte em nível estadual, estoque de residentes nascidos no exterior, taxa de câmbio real e preços relativos substitutos internacionais e domésticos. Os autores constataram que as variáveis estudadas impactaram de forma distinta os estados e territórios australianos. Como exemplo, para algumas regiões a variável renda apresentou correlação significativa, e positiva com a demanda. No entanto, para a região da Capital as elasticidades revelam que os fluxos turísticos são insensíveis à variações na renda. Diferenças regionais dentro de um mesmo país, também foram observadas no trabalho de Serra et al. (2014) para Portugal, ao estudarem os principais determinantes do número de pernoites em sete regiões turísticas do país.

Ulucak et al. (2020) estudaram os determinantes do fluxo de turistas para a Turquia provenientes de 25 países entre 1998 e 2017. Os autores utilizaram um modelo econométrico gravitacional aumentado, identificando que o nível de renda do país de origem e a desvalorização da moeda turca estão positivamente associadas com o fluxo de chegada de turistas. Ao mesmo tempo, elementos como custo de vida (inflação relativa), distância bilateral entre a Turquia e o país de origem, violência/terrorismo interno e nível de endividamento das famílias dos países visitantes estão negativamente associados à demanda turística. Os resultados dos autores indicam ainda que ocorrência de ataques terroristas reduz as chegadas de estrangeiros ao país.

Utilizando o modelo gravitacional, Seetanah et al. (2010) e Xu *et al.* (2019), obtiveram resultados semelhantes ao analisem a demanda turística para África do Sul e China, respectivamente. Com amostra de 38 países de 1985 a 2000 para a África do Sul e 21 países entre 1995 e 2014 para a China, os autores verificaram que fatores como proximidade cultural e número de quartos disponíveis, impactam positivamente nos fluxos turísticos, enquanto as epidemias como a SARS produzem efeito contrário.

Buscando investigar os principais determinantes da receita turística, Husein e Kara (2020) aplicaram o modelo Não-linear Autoregressivo de Defasagem Distribuída (NADRL) sobre a receita real de turismo obtida por Porto de Rico. O estudo utilizou dados de viajantes provenientes dos Estados Unidos no período de 1970 a 2016. Elementos como a renda e preços

(relativo, concorrente e de transporte) foram analisados e constatou-se que a renda é o principal determinante das receitas turísticas e que há uma relação de longo prazo entre as variáveis explicativas e a demanda (Onofowora e Owoye, 2012 e Jerabek, 2019).

Com relação à volatilidade da taxa de câmbio, Sharma e Pal (2020), em estudo para a Índia, entre 2006 e 2018, também utilizando a modelagem Não-linear Autoregressivo de Defasagem Distribuída (NADRL), identificaram que a instabilidade cambial afeta as chegadas e paralelamente as receitas turísticas. Os impactos ocorrem tanto a curto quanto a longo prazo, no entanto os efeitos da volatilidade cambial de longo de prazo são mais intensos. Os resultados indicam que os efeitos negativos de uma desvalorização cambial podem predominar sobre os efeitos positivos, em termos de receitas turísticas, e que políticas de promoção a exportações, ao promoverem maior volatilidade cambial, podem prejudicar o setor turístico.

4.2 Literatura sobre Brasil

A literatura sobre os determinantes da demanda turística internacional para o Brasil é relativamente escassa. Um dos estudos aplicados à realidade brasileira é o de Rabahy (1990), em que o autor estimou várias previsões de demanda turística (entrada de turistas) para a economia brasileira. O autor propôs três modelos econométricos de previsão de demanda, tendo como referência os principais países emissores de visitantes no período de 1971 a 1986. Os modelos de previsão estimados foram: i- modelo de demanda dos países da América do Sul (representado pela Argentina), ii- modelo de demanda dos Estados Unidos e Alemanha, e iii- um modelo de demanda global.

Rabahy (1990) utilizou diversas variáveis explicativas em suas estimativas, como: nível de renda, taxa de câmbio, preços relativos, hábito, distância geográfica e publicidade. O modelo de previsão da América do Sul (representado pela Argentina) revelou que a entrada de turistas é mais sensível a fatores ligados aos preços como taxa de câmbio e preços relativos. Já para os turistas americanos, a renda, publicidade, hábito, distância e facilidade de acesso, constituem os elementos que mais impactam no fluxo de turistas. Em relação aos visitantes europeus (representado pela Alemanha), a renda real foi o principal fator explicativo da demanda. Por fim, para o modelo geral a entrada de estrangeiros foi influenciada pela renda e o hábito.

Meurer (2010) buscou entender os determinantes macroeconômicos do número de viajantes internacionais ao Brasil e da respectiva receita média gerada. O autor utilizou séries temporais com dados anuais para o período de 1970 a 2007. Foram empregadas como variáveis

dependentes o número de viajantes e receita por visitante; e como variáveis explicativas a taxa de câmbio real, *spread* do câmbio paralelo e crescimento do PIB mundial. Os resultados mostraram que um aumento no PIB mundial e uma depreciação da moeda brasileira são capazes de elevar a quantidade de turistas estrangeiros que visitam o Brasil. No que se refere à receita média gerada por visitante, a única variável estatisticamente significativa no estudo de Meurer (2010) foi a taxa de câmbio real, revelando que uma taxa de câmbio competitiva pode expandir o número de turistas internacionais em direção ao Brasil.

Valença et al. (2015) investigaram as possíveis influências da taxa de câmbio nominal sobre as receitas turísticas cambiais, entendida como os gastos dos turistas estrangeiros no país, e despesas turísticas cambiais, resultado dos gastos dos turistas brasileiros no exterior. Os autores utilizaram Vetores Autoregressivos (VAR) e o teste de causalidade de Granger, empregando as seguintes variáveis: taxa de câmbio nominal, receita e despesa cambial turística entre 1994 e 2014. Os resultados dos autores apontaram para uma relação de causalidade (no sentido de Granger) entre a taxa de câmbio e as despesas turísticas, isto é, variações cambiais de valorização ou desvalorização, influenciam nas decisões de viagens internacionais dos residentes. No entanto, tal comportamento não foi observado para as receitas turísticas, indicando que os turistas internacionais são pouco influenciados pelas variações cambiais. Os resultados também demonstraram que as mudanças cambiais levam os residentes a trocarem o destino internacional (substituição de um destino mais caro por outro internacional mais barato em termos cambiais) em detrimento de aumento no turismo interno. Tal fato não foi observado para os turistas estrangeiros, demonstrando novamente sua menor sensibilidade quanto às variações cambiais.

Em estudo sobre a atração de turistas estrangeiros, agora sob o prisma dos possíveis impactos que a distância geográfica pode exercer sobre a demanda, Tavares e Leitão (2017) analisaram o comportamento dessa variável para o Brasil, entre 2004 e 2013, considerando 20 países selecionados. Os autores empregaram o modelo gravitacional com o método de dados em painel e GMM (Método dos Momentos Generalizados). Tendo como variável dependente a chegada de turistas, e como variáveis independentes o nível de renda do país de origem, a taxa de inflação local, a taxa de câmbio, a distância e as variáveis *dummies* “língua semelhante e fronteira comum”, os resultados mostraram que uma maior distância geográfica impacta negativamente a chegada de turistas, conclusão também obtida por Rabahy (2020). Já a renda, bem como as variáveis *dummies* “língua semelhante e fronteira comum”, demonstraram efeitos positivos sobre o fluxo de turistas e em contradição ao esperado, a taxa de câmbio

também apresentou correlação positiva com a demanda. Abordando outras variáveis explicativas como PIB, IDH e População dos principais países emissores de turistas ao Brasil em 2006, e igualmente empregando o modelo gravitacional, o trabalho de Coelho et al. (2009), corroborou o achado de que a distância exerce uma influência negativa no fluxo turístico enquanto o PIB e o IDH efeitos positivos.

O estudo de Viera et al. (2019) para o período de 2000 a 2015, realizado por meio da abordagem gravitacional aplicando o método *Poisson Pseudo-Maximum-Likelihood* (PPML), demonstrou que o tamanho do mercado, a renda e o grau de abertura da economia são fatores que impactam positivamente na entrada de turistas estrangeiros em território nacional. Para tanto, os autores definiram como grau de abertura a razão entre a soma das exportações e das importações do Brasil para o país de origem sobre o PIB. A distância geográfica entre os países apresentou o efeito esperado, negativo, corroborando os resultados de Tavares e Leitão (2017).

Por fim, Gouveia (2021) investigou a influência da taxa de câmbio real sobre os desembarques de estrangeiros em território nacional vindos da Alemanha, Argentina e Estados Unidos, considerando todas as vias de acesso (aérea, marítima, terrestre e fluvial), para o período de 1999 a 2018. O modelo utilizado foi o Cópula-GARCH. Em linha com os achados de Rabahy (1990 e 2003), os resultados indicaram que os turistas argentinos são os mais sensíveis à taxa de câmbio. O estudo mostrou que uma apreciação do peso frente ao real, é capaz de induzir a procura dos argentinos pelo destino brasileiro. Tal sensibilidade não foi identificada para a Alemanha e Estados Unidos, demonstrando o que os outros estudos já apontavam: a participação de outros elementos explicativos para o fluxo de turistas ao país como a distância geográfica, por exemplo.

5. BASE DE DADOS E ESTRATÉGIA EMPÍRICA

A estratégia empírica consiste em estimar a equação (1), abaixo, para explicar o fluxo de turistas de outros países para o Brasil no período entre 1989 e 2018:

$$Tur_{i,t} = b_0 + b_1Tur_{t-1} + b_2CâmbioBrasil_t + b_3ComércioBrasil_t + b_4Y_{i,t} + b_5PPPBrasil_{i,t} + e_{i,t}(1)$$

Em que os subscritos i , t , e *Brasil* representam indivíduo (isto é, país de origem dos turistas), tempo, e quando a variável diz respeito ao Brasil. A variável dependente $Turi,t$ representa o número de turistas internacionais que entraram no Brasil pelas vias aérea, marítima e terrestre de 36 países, apresentados no apêndice, entre 1989 e 2018. Esses dados foram obtidos por meio dos Anuários Estatísticos publicados pelo Ministério do Turismo, entidade

responsável por concentrar e catalogar diversos dados nacionais e internacionais concernentes ao setor.

Em relação às variáveis explicativas, $Câmbio_{Brasil,t}$ representa uma medida de taxa de câmbio utilizada nas regressões. Foram utilizadas duas variáveis para mensurá-la em duas especificações alternativas. Primeiro, a taxa de câmbio nominal (R\$/US\$) fornecida pelo IPEA DATA. Aumentos desta variável indicam que o Real se desvalorizou (turismo se tornou mais barato para os estrangeiros em termos nominais), vice-versa. Segundo a taxa de câmbio real efetiva (2010=100), que é oriunda do Banco Mundial. Essa variável foi normalizada de modo que valores negativos indicam que houve desvalorização real da moeda brasileira (turismo se tornou mais barato para os estrangeiros em termos reais), vice-versa. A variável $Comércio_{Brasil,t}$, fornecida pelo Banco Mundial, é a soma das exportações e importações do Brasil como parcela do PIB. Ela foi empregada para controlar o grau de abertura comercial da economia brasileira. A variável $Y_{i,t}$ representa o nível de renda per capita dos países emissores de turistas em paridade do poder de compra (PPP). Por fim, a variável $PPP_{Brasil,t}$ mensura a paridade do poder de compra da economia brasileira em relação aos outros países. A Tabela 2, abaixo, sintetiza as variáveis utilizadas.

Tabela 2

Base de dados e estatísticas descritivas das variáveis (média de 5 anos)

Variável ¹	Fonte	Período	Média e desvio padrão
Número de turistas internacionais que visitaram o Brasil: $Tur_{i,t}$	Ministério do Turismo	1989-2018	Média = 103.163 desvio padrão = 227.959
Taxa de Câmbio nominal (R\$/US\$): $Câmbio\ Nominal_{Brasil,t}$	IPEA DATA	1989-2018	Média = 1,85 desvio padrão = 1,08
Taxa de Câmbio Real (2010=100): $Câmbio\ Real_{Brasil,t}$	Banco Mundial	1989-2018	Média = 0,53 desvio padrão = 0,15
Abertura comercial representada pelas razões da soma de exportações e importações em relação ao PIB: $Comércio_{Brasil,t}$	Banco Mundial	1989-2018	Média = 22,66 desvio padrão = 4,16
Nível de renda per capita em PPP (dólares): $Y_{i,t}$	Banco Mundial	1989-2018	Média = 21.175 desvio padrão = 14.667
Paridade do Poder de Compra: $PPP_{Brasil,t}$	Banco Mundial	1989-2018	Média = 0,53 desvio padrão = 0,15

Fonte: tabela feita pelos autores, 2024.

Notas: As variáveis foram apresentadas sem nenhuma transformação matemática.

Todas as variáveis foram empregadas como média de 5 anos para expurgar efeitos de flutuações econômicas. Deste modo, tem-se seis períodos: 1989-1993, 1994-1998, 1999-2003, 2004-2008, 2009-2013 e 2013-2018. Além disso, todas as variáveis foram utilizadas em formato logaritmo para que os coeficientes estimados sejam interpretados como elasticidades como é usual na literatura empírica. Nesse sentido, a abordagem mais apropriada para o presente estudo é a de painel econométrico, já que a estrutura dos dados incorpora a dimensão de *cross section* (indivíduos) e de séries temporais.

As regressões econométricas foram estimadas utilizando-se o método *Generalized Method of Moments* (GMM), especificamente *GMM-diff* e *GMM-system* em linha com Roodman (2009). Essa metodologia é apropriada para eliminar a possibilidade de viés gerada pela existência de endogeneidade; quando o número de períodos é menor que de indivíduos; os parâmetros são lineares (Roodman, 2009). Enquanto o modelo *GMM-diff* elimina uma possível fonte de endogeneidade ao utilizar apenas as diferenças das variáveis como instrumentos, o modelo *GMM-system* utiliza as diferenças e os níveis das variáveis como instrumentos. A endogeneidade é problema grave das estimativas econométricas que pode ocasionar em viés nos parâmetros estimados. Ao estimar os parâmetros por GMM, eliminamos a possibilidade de que as variáveis independentes sejam correlacionadas com o termo de erro da equação (viés de variável omitida). A equação (1) foi estimada utilizando-se as opções *robust* e *two-step* por meio do *package* XTABOND 2 no software STATA.

6. RESULTADOS

Os resultados das estimações econométricas são apresentados nas Tabelas 3 e 4. As regressões da Tabela 3 foram estimadas utilizando a taxa de câmbio nominal, ao passo que as da Tabela 4 foram estimadas a taxa de câmbio real. Ambas as variáveis representam o preço da moeda doméstico em termos de dólares norte-americanos. Adicionalmente, para testar a robustez dos resultados estimamos duas versões da equação (1) -uma estimada por *GMM-diff* e outra por *GMM-sys*, além de estimar a equação com diferentes combinações de variáveis dependentes. Complementarmente, estimou-se regressões em que a variável $Tur_{i,t}$ é empregada em nível, e outras em que a variável dependente é a primeira diferença desta variável (taxa de crescimento).

Os testes econométricos se mostraram satisfatórios em todas as regressões. O teste de Hansen indicou que os instrumentos utilizados estão adequados. Já o teste AR (2) garantiu a ausência de correlação residual.

A Tabela 3 apresenta as estimativas da equação (1) empregando a variável taxa de câmbio nominal. Os resultados das colunas (1)-(6) foram obtidos empregando a variável $Tur_{i,t}$ em nível. Embora o coeficiente estimado para a variável taxa de câmbio nominal tenha sido negativo, esse resultado não se mostrou robusto dado que isso é válido apenas para algumas estimativas. Por seu turno, os parâmetros estimados para as variáveis abertura comercial, $Comercio_{Brasil,t}$, e nível de renda, $Y_{i,t}$, não se mostraram estatisticamente significantes nas regressões. A variável Paridade do Poder de Compra, $PPP_{Brasil,t}$, por sua vez, apresentou um resultado bastante robusto em que seu parâmetro estimado foi negativo e estatisticamente significativo em todas as regressões. Isso sugere que o diferencial de preços entre a economia doméstica e o estrangeira é um dos determinantes do fluxo turístico internacional em direção ao Brasil. Quão mais baratos os bens nacionais em relação aos estrangeiros (ou alternativamente quão menor a variável $PPP_{Brasil,t}$) mais barato se torna viajar para o Brasil e, com isso, maior é a entrada de turistas internacionais para o Brasil.

Tabela 3

Regressões utilizando Taxa de Câmbio Nominal

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11) ^a	(12)
	<i>Variável Dependente: $Tur_{i,t}$ em nível</i>						<i>Variável Dependente: $Tur_{i,t}$ em primeira diferença</i>					
Método de estimação	GMM-DIFF	GMM-DIFF	GMM-DIFF	GMM-SYS	GMM-SYS	GMM-SYS	GMM-DIFF	GMM-DIFF	GMM-DIFF	GMM-SYS	GMM-SYS	GMM-SYS
$Tur_{i,t-1}$	0.21* (0.12)	0.45*** (0.15)	0.47*** (0.07)	0.70*** (0.13)	0.88*** (0.08)	0.82*** (0.07)	0.52*** (0.16)	-0.18 (0.25)	-0.08 (0.26)	0.68*** (0.10)	0.19 (0.13)	0.39*** (0.14)
Câmbio Nominal _{Brasil,t}	-0.13 (0.10)	-0.43** (0.18)	-0.42** (0.18)	-0.06 (0.13)	-0.11 (0.10)	-0.33** (0.00)	0.32** (0.15)	-0.86** (0.34)	-0.60 (0.39)	0.37*** (0.14)	-0.14 (0.13)	0.08 (0.13)
Comércio _{Brasil,t}	1.02*** (0.33)	0.07 (0.51)	n.a. (0.50)	-0.07 (0.50)	-0.73* (0.38)	n.a. (0.38)	-0.45 (0.86)	-1.64** (0.64)	n.a. (0.85)	-1.00 (0.85)	-1.23** (0.55)	n.a. (0.55)
$Y_{i,t}$	0.35 (0.30)	0.97** (0.42)	0.97** (0.42)	-0.07 (0.12)	0.01 (0.07)	0.02 (0.10)	-0.30 (0.21)	1.36** (0.57)	0.77 (0.51)	-0.08 (0.03)	0.31*** (0.11)	-0.04 (0.04)
$PPP_{Brasil,t}$	n.a. (0.33)	-0.75** (0.33)	- 0.76*** (0.24)	n.a. (0.12)	- 0.62*** (0.12)	- 0.55*** (0.15)	n.a. (0.52)	-1.85*** (0.52)	-1.28*** (0.56)	n.a. (0.16)	- 0.74*** (0.16)	-0.30** (0.14)
Constante	1.69 (2.52)	-4.07 (3.69)	-4.04 (3.62)	4.38*** (1.49)	3.40*** (1.10)	1.77 (1.25)	4.27 (3.46)	-8.20*** (4.35)	-7.60 (4.99)	3.73 (2.82)	0.64 (1.61)	0.28 (0.43)
Grupos	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40	40
Instrumentos	22	22	22	29	29	29	17	17	17	23	15	23

Determinantes do Fluxo Internacional de Turistas para o Brasil: evidências empíricas para o período 1989-2018

Arellano-Bond AR(2)	0.90	0.64	0.61	0.67	0.80	0.98	0.28	0.80	0.70	0.21	0.45	0.33
Sargan	0.00	0.03	0.06	0.00	0.00	0.00	0.13	0.00	0.00	0.04	0.70	0.00
Hansen	0.16	0.33	0.39	0.21	0.21	0.15	0.15	0.11	0.14	0.19	0.05	0.17

Fonte: autores, 2024, com base nas estimações econométricas.

Notas: (1) *, **, *** significam estatisticamente significativa a 10%, 5% e 1%, respectivamente; (2) A opção *robust* foi utilizada quando o teste de Sargan rejeitou a hipótese nula; ^aInstrumentos colapsados.

As colunas (7)-(12) da Tabela 3 apresentam as regressões econométricas utilizando a variável $Tur_{i,t}$ em primeira diferença como variável dependente. Interessantemente, a variável taxa de câmbio nominal se mostrou estatisticamente significativa, com sinal positivo, nas colunas (7) e (10) – estimadas por dois métodos diferentes, quando a variável $PPP_{Brasil,t}$ não é controlada. Isso sugere que desvalorizações da taxa de câmbio nominal de 1% aumentam em, aproximadamente, 0,30% a taxa de crescimento do fluxo internacional de turistas para o Brasil. O restante dos resultados se manteve, demonstrando robustez das estimativas.

A Tabela 4 apresenta as estimativas da equação (1) empregando a variável taxa de câmbio real. Os resultados das colunas (1)-(6) foram obtidos empregando a variável $Tur_{i,t}$ em nível. As variáveis nível de renda do país emissor de turistas, $Y_{i,t}$, e o grau de abertura comercial, $Comércio_{Brasil,t}$, foram estatisticamente significantes em poucas regressões, o que não sugere resultados robustos. Não obstante, o parâmetro da variável $Câmbio\ Real_{Brasil,t}$ foi estatisticamente significativo e com parâmetro negativo em todas as estimativas, exceto nos resultados da coluna (3). Isso é sugestivo que desvalorizações da taxa de câmbio real – induzida pela redução da taxa de inflação brasileira, ou por desvalorizações da taxa de câmbio nominal tudo mais constante, possuem um efeito positivo sobre o número de turistas estrangeiros que visitam o Brasil. Os resultados das colunas (7)-(12), empregando a variável $Tur_{i,t}$ em primeira diferença, confirmam estas estimativas. O parâmetro da variável $Câmbio\ Real_{Brasil,t}$ foi estatisticamente significativo e com parâmetro negativo em todas as estimativas, o que confirma que desvalorizações da taxa de câmbio real possuem um efeito expansivo sobre a taxa de variação do número de turistas estrangeiros que visitam o Brasil. A Tabela 4 é apresentada abaixo.

Tabela 4

Regressões utilizando Taxa de Câmbio Real

Determinantes do Fluxo Internacional de Turistas para o Brasil: evidências empíricas para o período 1989-2018

	(1) ^a	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7) ^a	(8)	(9)	(10)	(11) ^a	(12)
	Variável Dependente: $Tur_{i,t}$ em nível						Variável Dependente: $Tur_{i,t}$ em primeira diferença					
Método de estimação	GM M-DIFF	GM M-DIF F	GM M-DIF F	GM M-SYS	GM M-SYS	GM M-SYS	GM M-DIFF	GM M-DIF F	GM M-DIF F	GM M-SYS	GMM-SYS	GM M-SYS
$Tur_{i,t-1}$	0.56* ** (0.07)	0.48* ** (0.05)	0.25 * (0.13)	0.70* ** (0.01)	0.66* ** (0.05)	0.84* ** (0.11)	0.33* ** (0.12)	0.53* ** (0.10)	0.30* ** (0.08)	0.46 *** (0.11)	0.45*** (0.09)	0.42** * (0.13)
Câmbio Real _{Brasil,t}	-0.25* ** (0.08)	-0.28* ** (0.15)	0.11 (0.20)	-0.10* ** (0.01)	-0.74* ** (0.19)	-1.07* ** (0.34)	-0.58* ** (0.18)	-0.72* ** (0.23)	-0.65* ** (0.14)	-0.61 ** (0.24)	-0.97*** (0.21)	-0.76** * (0.20)
Comércio _{Brasil,t}	n.a.	0.09 (0.29)	0.22 (0.40)	n.a.	-0.85* ** (0.28)	-1.44* ** (0.50)	n.a.	-1.04 (0.64)	-0.70 (0.47)	n.a.	-1.19* (0.64)	-0.89 (0.67)
$Y_{i,t}$	-0.15 (0.16)	n.a.	0.22 (0.26)	-0.10* ** (0.01)	n.a.	-0.06 (0.07)	-0.25 (0.21)	n.a.	-0.23* (0.12)	-0.06 * (0.03)	n.a.	-0.11 (0.05)
Constante	6.30* ** (0.93)	5.20* ** (0.51)	3.07 (2.03)	4.32* ** (0.15)	6.34* ** (0.46)	6.90* ** (0.73)	2.46 (2.16)	3.18 (2.07)	4.53 (1.58)	0.51 (0.37)	3.69* (2.08)	3.95* (2.28)
Grupos Instrumentos	40 13	40 11	40 22	40 29	40 13	40 29	40 11	40 7	40	40	40	40
Arellano-Bond AR(2)	0.97	0.96	0.91	0.92	0.94	0.97	0.29	0.24	14	23	8	21
Sargan	0.30	0.28	0.00	0.00	0.00	0.00	0.60	0.59	0.36	0.00	0.51	0.05
Hansen	0.04	0.32	0.12	0.14	0.12	0.10	0.09	0.76	0.20	0.24	0.11	0.17

Fonte: autores, 2024, com base nas estimações econométricas.

Notas: (1) *, **, *** significam estatisticamente significativa a 10%, 5% e 1%, respectivamente; (2) A opção *robust* foi utilizada quando o teste de Sargan rejeitou a hipótese nula; ^aInstrumentos colapsados.

Os nossos resultados indicaram que a variável dependente defasada, bem como a taxa de câmbio real, demonstraram considerável poder explicativo para a demanda turística nas regressões realizadas. Seus valores e sinais vão de encontro à literatura e teoria sobre o tema. O efeito do consumo anterior no turismo demonstra a força da persistência do hábito, o efeito “boca a boca” nas decisões presentes dos turistas (Muñoz e Martín, 2007; Brida e Risso, 2009; Song et al, 2010). Sua inclusão também reforça a importância do componente dinâmico para explicar o fluxo turístico, e sua negligência tenderá a superestimar os efeitos de outras variáveis (Serra et al, 2014). Quanto à taxa de câmbio real, os resultados indicaram que uma

desvalorização real da moeda nacional incentiva o influxo de turistas internacionais, sendo essa variável mais adequada para representar os custos do turismo, vis a vis a taxa de câmbio nominal (Witt e Witt, 1995). A taxa de câmbio nominal, por sua vez, apresentou os resultados esperados nas regressões utilizando a variável $Tur_{i,t}$ em primeira diferença. O uso desta variável é controverso na literatura empírica devido a problemas de colinearidade (Witt e Witt, 1995; Meurer, 2010). Já os coeficientes aferidos para a variável grau de abertura comercial e nível de renda não foram robustos.

Em síntese, a taxa de câmbio real se mostrou uma variável importante para explicar o fluxo de turistas internacionais em direção ao Brasil. Desvalorizações reais da taxa de câmbio (seja induzida por meio de inflação menor em relação aos outros países, seja induzida por desvalorizações da taxa de câmbio nominal *ceteris paribus*) incentiva a entrada de pessoas de outros países para o Brasil.

7. Considerações finais

O objetivo deste estudo foi investigar os principais determinantes macroeconômicos do fluxo internacional de turistas para o Brasil entre 1989 e 2018. Por um lado, entender a temática se mostra importante para o delineamento de políticas públicas que ajudem a desenvolver o setor turístico brasileiro. Neste sentido, deve-se ter em mente a importância do setor turístico para o crescimento e desenvolvimento econômico, já que, de acordo com o Barômetro do Turismo Mundial, o turismo internacional cresceu a taxas médias anuais de 4% entre 2008 e 2018, à despeito da ruptura provocada pela pandemia do COVID-19; sendo 1 em cada 10 empregos sendo gerados nesse setor, o que proporciona uma participação de 10,4% do PIB mundial para o setor. Quer dizer, entender fatores que influenciam o fluxo internacional de turistas para o Brasil significa compreender, em alguma medida, um importante driver do seu crescimento econômico. Por outro lado, o estudo contribui com resultados relevantes e originais à literatura estabelecida.

Os resultados, robustos a diferentes métodos, especificações e variáveis, do estudo indicam que variáveis e políticas macroeconômicas importam na determinação do fluxo de turistas internacionais ao Brasil. Os resultados apontaram ainda que a competitividade via preço importa para o influxo de turistas internacionais. Quanto maior a competitividade dos bens nacionais – seja via menores preços de fato, ou desvalorizações reais da taxa de câmbio. Isto é, baixas taxas de inflação e uma moeda nacional desvalorizada estão associadas com menores custos de se visitar o Brasil, o que incentiva a entrada de turistas internacionais para o Brasil.

Deste modo, políticas macroeconômicas de controle inflacionário, bem como de manutenção de algum grau de desvalorização do real, se mostram fundamentais para a atração de turistas de outros países.

De outro modo, o setor turístico se beneficia de uma gestão macroeconômica voltada à estabilidade do nível de preços, bem como de uma taxa de câmbio que favoreça o turismo internacional, isto é, desvalorizada. Estas variáveis devem ser levadas em conta para uma estratégia pública de desenvolvimento do setor.

Este estudo explorou um aspecto macroeconômico bastante específico para o setor turístico brasileiro, a saber, a competitividade via preço como um elemento de atração de turistas internacionais. Existem diversos outros aspectos que devem ser abordados por trabalhos futuros, sobretudo elementos não associados a competitividade via preço que afetam o fluxo turístico internacional para o Brasil, como infraestrutura, preferências dos turistas, publicidade, crescimento da renda, desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

- Andrade, J. R. L. (2001). Comportamento do consumidor e escolha do produto turístico. *Turismo em Análise*, 12(1), 7–19. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v12i1p7-19>
- Belucio, M., Machado, V. M., Rodrigues, G., Fuinhas, J. A., & Vieira, C. (2021). Será que a situação económica e os fatores climáticos influenciam o turismo religioso do Santuário de Aparecida (Brasil)? *European Journal of Applied Business and Management*.
- Brida, J. G., & Risso, W. A. (2009). A dynamic panel data study of the German demand for tourism in South Tyrol. *Tourism Economics*. <https://doi.org/10.1057/thr.2009.15>
- Brida, J. G., Cortes-Jimenez, I., & Pulina, M. (2016). Has the tourism-led growth hypothesis been validated? A literature review. *Current Issues in Tourism*, 19(5), 394–430.
- Câmara, I. L. P., Monteiro, J. E. D., & Marques, O. (2022). Modelos e determinantes da demanda turística internacional: Perspectivas a partir da revisão sistemática da literatura para o período de 2000-2020. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, e-2478. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2478>
- Cho, V. (2009). A study of the non-economic determinants in tourism demand. *International Journal of Tourism Research*, 12, 307–320. <https://doi.org/10.1002/jtr.749>
- Coelho, C. C., Ferreira, W. R., & Cavalcanti, J. E. A. (2009). Análise estatística multivariada e aplicação do modelo gravitacional aos fluxos turísticos para o Brasil. *Reuna*, 14(3), 35–54.
- Crouch, G. I. (1994). The study of international tourism demand: A survey of practice. *Journal of Travel Research*, 32(4), 41–55.
- Díaz, M. A., Girález, M. S. O., & Gómez, M. G. (2015). La modelización de la demanda de turismo de economías emergentes: El caso de la llegada de turistas rusos a España. *Universidade de Vigo*. <https://doi.org/10.1016/j.cesjef.2015.10.001>
- Gasmi, A., & Sassi, S. (2015). International tourism demand in Tunisia: Evidence from dynamic panel data model. *Economics Bulletin*, 35(1), 507–518. <https://ideas.repec.org/a/eb1/ecbull/eb-14-00425.html>
- Gonzalez, L. T. V., Mariz, C. L., & Zahra, A. (2019). World youth day: Contemporaneous pilgrimage and hospitality. *Annals of Tourism Research*, 76, 80–90.
- Gouveia, B. V. L. (2021). Demanda turística e taxa de câmbio: Modelagem de dependência baseada no modelo cópula-GARCH. *Universidade Federal de Viçosa*. <https://locus.ufv.br/handle/123456789/28264>
- Husein, J., & Kara, S. M. (2020). Nonlinear ARDL estimation of tourism demand for Puerto Rico from the USA. *Tourism Management*, 77. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2019.103998>
- Jerabek, T. (2019). The effects of selected macroeconomic variables on tourism demand for the South Moravian Region of the Czech Republic from Germany, Poland, Austria, and Slovakia. *Comparative Economic Research-Central and Eastern Europe*, 22(3), 25–43. <https://doi.org/10.2478/cer-2019-0021>

- Johnson, P., & Ashworth, A. (1990). Modelling tourism demand: A summary review. *Leisure Studies*, 9(2), 145–161. <https://doi.org/10.1080/02614369000390131>
- Lim, C., & McAleer, M. (2002). Time series forecasts of international travel demand of Australia. *Tourism Management*, 23(4), 389–396. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(01\)00098-X](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(01)00098-X)
- Lim, C., & Zhu, L. (2017). Dynamic heterogeneous panel data analysis of tourism demand for Singapore. *Journal of Travel & Tourism Marketing*. <https://doi.org/10.1080/10548408.2017.1330173>
- Meurer, R. (2010). Determinantes macroeconômicas do número de viajantes estrangeiros ao Brasil e da receita por viajante. *Revista Econômica*, 12(2), 187–208.
- Morley, C. L. (1992). A microeconomic theory of international tourism demand. *Annals of Tourism Research*, 19, 250–267.
- Muñoz, T. G., & Martin, L. F. M. (2007). Tourism in the Balearic Islands: A dynamic model for international demand using panel data. *Tourism Management*, 28(5), 1224–1235. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2006.09.024>
- Onafowora, O. A., & Owoye, O. (2012). Modelling international tourism demand for the Caribbean. *Tourism Economics*, 18(1), 159–180. <https://doi.org/10.5367/te.2012.0102>
- Petmezas, D. G. D., & Santamaria, D. (2012). Forecasting tourist arrivals in Greece and the impact of macroeconomic shocks from the countries of tourists' origin. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 641–666. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.09.001>
- Rabahy, W. A. (1990). Fundamentos econômicos e quantitativos no planejamento turístico. *Turismo em Análise*, 1(1), 35–54.
- Rabahy, W. A. (2020). Análise e perspectivas do turismo no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 14(1), 1–13. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v14i1.1903>
- Roodman, D. (2009). How to do xtabond2: An introduction to difference and system GMM in Stata. *The Stata Journal*, 9(1), 86–136.
- Seetanah, B., Durbarry, R., & Ragodoo, J. F. N. (2010). Using the panel cointegration approach to analyse the determinants of tourism demand in South Africa. *Tourism Economics*, 16(3), 715–729. <https://doi.org/10.5367/000000010792278437>
- Serra, J., Correia, A., & Rodrigues, P.M.M. (2014). A comparative analysis of tourism destination demand in Portugal. *Journal of Destination Marketing & Management* 2: 221–227. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2013.10.002>
- Shafiullah, M., Okafor, L. E., & Khalid, U. (2018). Determinants of international tourism demand: Evidence from Australian states and territories. *Journals Sage*. <https://doi.org/10.1177/1354816618800642>
- Sharma, C., & Pal, D. (2020). Exchange rate volatility and tourism demand in India: Unraveling the asymmetric relationship. *Journal of Travel Research*, 59(7), 1282–1297. <https://doi.org/10.1177/0047287519878516>

- Song, H., & Li, G. (2008). Tourism demand modelling and forecasting: A review of recent research. *Tourism Management*, 29(2), 203–220. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2007.07.016>
- Song, H., Li, G., & Fei, B. (2010). Tourism demand modelling and forecasting: How should demand be measured? *Tourism Economics*, 16(1, SI), 63–81. <https://doi.org/10.5367/000000010790872213>
- Song, H., Dwyer, L., Li, G., & Cao, Z. (2012). Tourism economics research: A review and assessment. *Annals of Tourism Research*, 39(3), 1653–1682. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.05.023>
- Song, H., Qiu, R. T. R., & Park, J. (2019). A review of research on tourism demand forecasting. *Annals of Tourism Research*, 75, 338–362. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.12.001>
- Tavares, J. M., & Leitão, N. C. (2017). The determinants of international tourism demand for Brazil. *Tourism Economics*, 23(4), 834–845. <https://doi.org/10.5367/te.2016.0540>
- Ulucak, R., Yucel, A. G., & Ilkay, S. C. (2020). Dynamics of tourism demand in Turkey: Panel data analysis using gravity model. *Tourism Economics*, 26(8), 1394–1414. <https://doi.org/10.1177/1354816620901956>
- UN Tourism. (2024). Glossary of tourism terms. Disponível em: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>
- Valença, M. N., Melo, A. S., Sobral, M. F. F., & Xavier, M. G. P. (2015). Relação entre a taxa de câmbio e o setor de turismo: Análise por vetores autorregressivos. *Revista Turismo – Visão e Ação*, 17(3), 737–757.
- Vieira, E. R., Lucena, A. F., & Queiroz, A. M. (2019). Determinantes da demanda de turismo internacional do Brasil: Uma análise gravitacional no período de 2000 a 2015. *Revista Economia. NE*, 50(4), 97–114.
- Xu, L., Wang, S., Li, J., Tang, L., & Shao, Y. (2019). Modelling international tourism flows to China: A panel data analysis with the gravity model. *Tourism Economics*, 25(7), 1047–1069. <https://doi.org/10.1177/1354816618816167>
- Witt, S. F., & Witt, C. A. (1995). Forecasting tourism demand: A review of empirical research. *International Journal of Forecasting*, 11(3), 447–475. [https://doi.org/10.1016/0169-2070\(95\)00591-7](https://doi.org/10.1016/0169-2070(95)00591-7)

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTA ARTIGO

Sarmiento, R. R., & Pereira, H. C. L. (2024). Determinantes do Fluxo Internacional de Turistas para o Brasil: evidências empíricas para o período 1989-2018. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 12(3), 427-449. DOI 10.21680/2357-8211.2024v12n3ID34259
